

CHIVALRY

A SERIES OF STUDIES TO ILLUSTRATE ITS HISTORICAL
SIGNIFICANCE AND CIVILIZING INFLUENCE BY MEMBERS OF
KING'S COLLEGE, LONDON EDITED BY EDGAR PRESTAGE—
CAMÕES PROFESSOR

Em 1925, alguns professores de grande autoridade, fizeram um curso de conferências lidas, na secção de História, no King's College de Londres, durante as férias de Setembro.

O professor de História Medieval na Universidade de Londres, Hearnshaw, tratou do lugar que a Cavalaria tem na História; das origens da Cavalaria ocupou-se Jacob, do Christ Church de Oxford; O professor Shears de língua francesa da Universidade de Aberdeen, da Cavalaria em França; o professor de alemão da Universidade de Londres, Atkins, da Cavalaria na Alemanha; o lente de Cervantes na Universidade de Londres, Pastor, da Cavalaria e das Ordens Militares na Espanha; Edgar Prestage professor da Universidade de Londres, da Cavalaria em Portugal; Sir Israel Gollanez, professor de língua e literatura inglesa na Universidade de Londres, da Cavalaria na poesia medieval inglesa; Byles, lente de inglês no colégio diocesano de Exeter, dos livros da galantaria medieval e dos romances em prosa da Cavalaria; e, finalmente, a Cavalaria e o ideal de um gentleman, é versado pelo professor de língua e literatura inglesa na Universidade de Londres, Reed.

Estas nove conferências, correspondendo cada uma delas

a um capítulo distinto, foram enfeixadas em volume pelo nosso querido amigo e eminente professor Edgar Prestage, e vem apresentado numa agradável edição, ornada de vinte e cinco estampas adequadas ao texto, entre as quais figuram a vista de Ourique, os retratos de D. Afonso Henriques e de El Rei D. Sebastião e a tomada de Arzila.

É dedicado o interessante livro a sua alteza-real o Príncipe de Galles, «prototipo nos nossos dias dos ideais da Cavalaria». Já no século XIV, um outro Príncipe de Galles, cognominado o Príncipe Negro, filho de Eduardo III, foi também consagrado como prototipo dos ideais da Cavalaria.

Até El Rei de Espanha, D. João I, depois de derrotado pelos ingleses, tem a nobreza de alma de os reconhecer como sendo a flor da Cavalaria do mundo. Não é menos lisonjeiro o depoimento do cronista francês Froissart a tal respeito.

A *Chivalry* não pretende apresentar-se como um trabalho original, feito sobre documentos primários, custosamente descobertos nos escaninhos mais reconditos de qualquer velho arquivo. É uma obra de vulgarização, aliás muito bem elaborada, bem nutrida pelo que de melhor se tem publicado sobre o assunto em Inglaterra, Alemanha, França, Espanha e em Portugal, quer pelos mais remotos, quer pelos mais modernos historiadores da Cavalaria; resultando do inteligente cotejo de tão vasta e opulenta bibliografia, um trabalho de síntese perfeito, pelo seu método, sóbrio, claro, preciso, deixando-nos informados e duma maneira elegante e fácil, do mais importante que agora se sabe sobre a decantada instituição mediéfica e a forma porque se apresentou em vários países da Europa. E diga-se em verdade: com respeito ao lugar que a Cavalaria tem na História, bem como sobre as suas origens, já não seria fácil acrescentar novidades. Durante muito tempo ofereceram estes temas motivo para as mais

mirabulantes divagações, aonde transpareciam a viva fantasia e não raro a ingénua credulidade dos velhos autores. O primeiro a desembrulhar a Santa Ordem das fabulações em que a haviam envolvido, foi um escritor do século XVIII, La Cume de Sainte Palaye, nas suas *Memórias sobre a antiga Cavalaria*, obra despreocupada de altas filosofias, oferecendo-nos, porém, uma narrativa, clara, escrupulosamente apurada e bem documentada.

Serviu êste notável trabalho de base aos estudos, já com carácter científico e pontos de vista filosóficos, em que se extremaram Guizot, Delecluse e sobretudo Leon Gautier. Deu-nos êste mestre insigne, a última palavra sobre a Cavalaria Medieval na sua obra, verdadeiro tesouro de erudição e de acertado critério, intitulada: *La Chevalerie* (1884). Não se poderia pois, em campo já tão desbravado, contar com revelações inéditas.

Tirando os dois primeiros capítulos e ainda o sexto, nos restantes cuidou-se com mais carinho da Cavalaria romântica, nas suas brilhantes manifestações na poesia, no romance, do que propriamente da organização da Santa Ordem e das famosas associações monástico-guerreiros, chamadas Ordens Militares e que tantos serviços prestaram à Civilização Cristã, sobretudo na guerra contra os infiéis, quer na Europa quer no Oriente.

Esta predilecção ressaltando em páginas aliás muito agradáveis, explica-se bem, pelo facto de todos os seus autores serem lentes respectivamente, da lingua ou da literatura, ou de ambas as disciplinas dos países cuja Cavalaria procuraram estudar, sentindo-se naturalmente mais à vontade, mais interessados, no laborar nos seus conhecidos campos literários, do que nos domínios menos amenos da História militar e politica.

O sr. Pastor, no capítulo V, ocupando-se da Cavalaria e das Ordens Militares em Espanha, expõe uma tese que ofe-

rece interesse. Citando a afirmação de Byron de que Cervantes num sorriso desfizera a Cavalaria (smiled Spain's Chivalry), riposta que o autor do *Don Quijote* amava a Cavalaria e a despeito do seu espírito crítico, formado no ambiente desafogado da Renascença, mantinha na sua obra culto pelos princípios essenciais que constituíam o generoso ideal da decantada instituição.

Não há dúvida de que o Manco de Lepanto possuía uma alma de extremado cavaleiro. Provou-o durante tãda a sua acidentada vida. No grande dia de Lepanto, a bordo da galera La Marquesa, Miguel Cervantes ardia em febre e debilitado, amarelecido por grave doença fôra proibido de tomar parte no combate. Desobedece e vai ocupar um dos postos mais perigosos e obra prodígios de valor.

Recebe duas feridas em pleno peito e perde a mão esquerda. Descrevendo em versos magistraes êste transe, confessa êle que tamanha alegria sentira pela vitória dos cristães sôbre o «cruel povo infiel», que mal sentira os seus heroicos sofrimentos físicos («a minha mão esquerda em mil pontos despedaçada espalhava o seu sangue»). Desta sinistra aventura lhe adveio a alcunha de *Manco*.

De uma vez que um miserável qualquer para o ridicularizar lhe chamou *Manco*, êle gritou-lhe indignado: «Essa mão foi com efeito despedaçada, não em uma taberna, mas no mais deslumbrante recontro que os séculos presentes têm visto e que verão os séculos futuros. Se as minhas feridas não brilham gloriosamente aos olhos dos que as observam, são estimadas daqueles que sabem aonde foram recebidas».

Quando um embaixador francês lhe ofereceu uma pensão, êle polidamente lha recusou porque só de gente espanhola receberia auxílios. Orgulhoso do seu officio de escritor, escreveu que todo o poeta deveria ser tido como fidalgo. E acrescentou a algures: «Se eu pensasse que um de meus

escriptos podesse inspirar qualquer inclinação para o vício, cortaria mais depressa a mão que me resta, do que publicar semelhante obra». Prisioneiro dos infiéis em Tunis, procurou evadir-se várias vezes, sem êxito, e então resolveu organizar uma conspirata para a qual congregou todos os prisioneiros cristãos que se achavam no mesmo cativeiro. Descoberta a tentativa, Cervantes acusa-se de ser o autor e único responsável dela, e pede aos seus carcereiros que o matem se tal lhes apraz, mas poupem a vida aos seus companheiros.

Bastam estes traços, muito ao de leve lançados, para que não possa haver dúvida de que o autor do *Don Quijote* possuía ânimo de verdadeiro paladino: bravo e até bravíssimo, aventureiro, generoso, orgulhoso, bondoso, desprendido de ganâncias, leal, amigo dos pobres e dos desgraçados, não lhe faltava a profissão de nenhuns dos componentes que constituíam o belo ideal da Cavalaria. Pois foi exactamente êsse ideal que o famoso *Dom Quijote* veio murchar! Seria como que o de esforço inconsiderado, impulsivo, de um crente que vê a sua religião decair no aviltamento pelo desvario de seus ministros? Talvez. De resto a Cavalaria como instituição real, eficiente, sentida na vida política e militar das sociedades europeias, essa por razões várias, desatara a empalidecer aos primeiros alvares da Renascença. Já os tiros das primeiras armas de fogo a haviam cruelmente varejado muito antes que a sua cruel caricatura representada no *Ingenioso Hidalgo* e os nacos de prosa prática, comodista, egoísta, do alvar, Sancho Panza lhe podessem causar prejuízo. A Cavalaria portuguesa porventura uma das mais resistentes, morria em Alcácer-Quibir, vinte e seis anos antes de sair a lume a 1.^a parte da 1.^a edição de *Don Quijote de la Mancha*.

O Capítulo VI *The Chivalry of Portugal*, foi elaborado pelo Sr. Edgar Prestage. É um trabalho notável que lhe dá honra e que nos honra. Historiador miticulosamente cons-

ciencioso, dotado de um critério sadio, claro e elegante na sua exposição, a nossa História Portuguesa, por sem dúvida tão bela e atraente, merece-lhe desde há muito os mais carinhosos desvelos, como o tem provado em tantas obras de mérito. No capítulo citado, o Sr. Prestage compendia de uma maneira perfeita, exacta, justa e sempre com interesse, tudo quanto consta de importante e curioso sobre a Cavalaria e as Ordens Militares em Portugal. Estudando a sua estrutura e regulamentação, a liturgia dos seus ritos, soube compreender e acentuar, o carácter bem distinto porque essa instituição se afirmou entre nós.

Traceja toda a famosa epopeia das nossas Ordens Militares quer na guerra contra os infiéis na Península, quer nos feitos que fizeram além-mar, na África e no Oriente. Tem emoção quando descreve o trágico dia 4 de Agosto de 1578, em Alcácer Quibir, a morte do moço e desventurado monarca que soube morrer «como um herói de romance, mostrando a bravura de um cavaleiro andante» e não regateia louvores ao valor porque a gente portuguesa se portou em tão rude prova, e à lealdade com que serviu o seu rei até à consumação do sinistro drama. E conclue o capítulo, lembrando que trinta anos antes da jornada de África, João de Barros escrevera que Deus havia dado aos seus compatriotas o dom especial, acima de todas as nações, de serem defensores da Fé e leais no serviço dos seus Reis. Com esta citação comprova o ilustre professor de Camões na Universidade de Londres, como soube alcançar o verdadeiro espírito da Cavalaria Portuguesa.

Mas, o Sr. Edgar Prestage não se descuidou também de nos dar notícia da nossa Cavalaria-galante, das aventuras dos nossos Cavaleiros errantes, dos saraus palacianos, das justas, dos torneios, enfim dos nossos trovadores e jograis, da nossa literatura cavalharesca bem interessante.

A *Chivalary* é pois uma obra sã, conscienciosa que me-

rece um lugar de destaque em tôdas as bibliotecas daqueles que se interessam por estes curiosos estudos; e ainda mesmo aos que lhes são mais alheios, facilita o conhecimento de uma das mais belas e prestimosas instituições que colaboraram na Civilização Cristã.

D. THOMAZ D'ALMEIDA MANOEL DE VILHENA.